# BEM VIVER e viver bem

SEGUNDO O POVO BANIWA NO NOROESTE AMAZÔNICO BRASILEIRO



# BEM VIVER e viver bem

SEGUNDO O POVO BANIWA NO NOROESTE AMAZÔNICO BRASILEIRO



#### **Reitor** Ricardo Marcelo Fonseca

#### Vice-Reitora Graciela Inês Bolzón de Muniz

#### **Pró-Reitor de Extensão e Cultura** Leandro Franklin Gorsdorf

#### **Diretor da Editora UFPR** Rodrigo Tadeu Gonçalves

#### Vice-Diretor da Editora UFPR Alexandre Nodari

#### Conselho Editorial que aprovou este livro Allan Valenza da Silveira

Allan Valenza da Silveira
Claudio José Barros de Carvalho
Diomar Augusto de Quadros
José Carlos Cifuentes
Margarete Casagrande Lass Erbe
Zélia Maria Marques Chueke

### ANDRÉ FERNANDO BANIWA

# BEM VIVER e viver bem

SEGUNDO O POVO BANIWA NO NOROESTE AMAZÔNICO BRASILEIRO

João Jackson Bezerra Vianna Aline Fonseca lubel (Orgs.)



# **BEM VIVER** e viver bem

1ª edição: 2019 1ª edição, 1ª reimpressão: 2020

#### Coordenação editorial

Rachel Cristina Pavim

#### Revisão

Maria Cristina Périgo e Victor Hugo Labrozzi

#### Projeto gráfico e editoração eletrônica

Reinaldo Weber

#### Capa

Ana Luisa Luy da Silva

Série Pesquisa, n. 356

### UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SISTEMA DE BIBLIOTECAS COORDENAÇÃO DE PROCESSOS TÉCNICOS

B217b Baniwa, André Fernando, 1971-.

Bem viver e viver bem: segundo o povo Baniwa no noroeste amazônico brasileiro \ André Fernando Baniwa; João Jackson Bezerra Vianna, Aline Fonseca Iubel, orgs. - Curitiba: Ed. UFPR, 2019.
64 p. : Il, ; 22 cm. - (Série pesquisa, n. 356).

Inclui referências. ISBN 978-85-8480-169-5.

 Etnologia - Amazônia. 2. Índios Baniwa. 3. Índios da América do Sul -História - Negro, Rio, Vale (AM). I. Vianna, João Jackson Bezerra. II. Iubel, Aline Fonseca. III. Título. IV. Série.

CDD: 980.41 CDU: 397(811.3)

Bibliotecário: Arthur Leitis Junior - CRB 9/1548

ISBN 978-85-8480-169-5 Ref. 956

#### Direitos desta edição reservados à Editora UFPR

Rua Ubaldino do Amaral, 321 80060-195 - Curitiba - Paraná - Brasil www.editora.ufpr.br editora@ufpr.br

2020



#### Sumário

#### Apresentação / 7

O **bem viver** e o **viver bem** Baniwa: em busca de um entendimento e o início dos debates / 7

O surgimento e a organização deste livro / 11

Nossos dilemas têm sentido? / 13

Como foi a destruição dos nossos bem viver e viver bem / 15

Reconstrução do bem viver e do viver bem Baniwa / 21

Nossa luta pela educação escolar / 21

#### Interculturalidade do bem viver e do viver bem Baniwa / 27

Maneiras Baniwa / 27

Maneiras ocidentais / 28

Dificuldade de entender e viver na prática o direito intercultural que promove o **bem viver** Baniwa / 30

# Finalmente, o que é o bem viver e o viver bem para o povo Baniwa? / 33

De que é feito o **bem viver** e o **viver bem?** / 33

E agora, o que é ipedzokhetti ou amor? / 34

Por que o **bem viver** e o **viver bem** são um esforço do ser humano? / 34

#### Bem viver e viver bem na prática / 37

Os exercícios das práticas para o **bem viver** e o **viver bem** Baniwa / 37

Os conselhos para o **bem viver** e o **viver bem** Baniwa / 38

O que devemos fazer para os nossos **bem viver** e **viver bem** / 39

As práticas contra o *bem viver* e o *viver bem* e suas consequências / 40

O bem viver e o viver bem são contra a palavra de Deus? / 41

Os frutos do amor-*ipedzhokhetti* são os nossos **bem viver** e **viver bem** / 43

Nossas propostas para o  $\it bem\ viver\ e\ o\ viver\ bem\ Baniwa\ /\ 45$ 

Perspectivas de futuro do bem viver e do viver bem Baniwa / 51

Posfácio – por João Jackson Bezerra Vianna e

Aline Fonseca Jubel / 55

Sobre o autor / 61

### **APRESENTAÇÃO**

## O **BEM VIVER** E O **VIVER BEM** BANIWA: EM BUSCA DE UM ENTENDIMENTO E O INÍCIO DOS DEBATES

Quando pela primeira vez ouvimos as expressões bem viver e viver bem, nos perguntamos: o que são o bem viver e o viver bem do povo Baniwa? De onde vem o bem viver e o viver bem? Por que são importantes na vida? Ouvir pela primeira vez estas expressões nos motivou a refletir sobre tudo isso. Foi então que começamos a promover debates e a buscar entender as duas expressões e os sentidos que elas podem ter para nós, Baniwa. Uma das conclusões a que chegamos é que elas não são uma novidade para nós. Na verdade, todas as coisas que existem foram criadas no princípio do mundo, nós é que demoramos a entendê-las, a descobri-las e a buscá-las. Ou seja, o bem viver e o viver bem existem desde a criação.

Nossos ancestrais, sem dúvida, devem ter entendido isso mais do que a nossa geração, que está cada vez mais sendo influenciada pelo mundo globalizante, pensando muitas vezes que o que está lá fora é mais importante. Mas descobrimos que o que faz a humanidade ir descobrindo, redescobrindo, inventando, reinventando e inovando é exatamente o fato de que todas as coisas já existiam, já estavam aqui prontinhas, e tudo já tinha sido criado.

O nosso modo de vida de hoje, por exemplo, já tinha sido previsto desde a criação. Isso é algo muito importante de dizer e entender. É evidente que não vivemos mais puramente da nossa tradição, da nossa cultura, na atualidade; hoje ela é uma mistura da nossa tradição e da relação da nossa cultura com outras, de diferentes povos. A vivência de hoje é consequência do contato do homem branco com os indígenas. Ela nunca foi boa ou fácil, nunca foi sem luta, sempre foi preciso defender a terra porque eles sempre procuraram tomá-la. As nossas terras foram todas transformadas em uma só, chamada Brasil. Mas, depois de 500 anos, conquistamos direitos, sobre a terra inclusive, com a promulgação da Constituição Federal, em 1988.

Segundo as histórias da criação da humanidade, *Walimanai*, o que inclui a dos não indígenas, o Criador não deixou nada para ser feito ou criado depois. Todas as coisas criadas foram caindo em maldição por causa do rompimento ético. Esta foi a herança deixada para a nova geração na Terra. O nome deste rompimento ético é "*mheepakakali*" (desobediência). A nova geração não conseguiu agir de acordo com a vontade do Criador. A partir do momento que ocorreu a desobediência, a nova geração caiu no esquecimento ou ficou apenas na memória, porque foi separada de muitas coisas boas que poderiam ter sido permanentes na vida da humanidade.

Assim, podemos dizer que tudo que sofremos hoje é uma consequência da desobediência que aconteceu no princípio da humanidade. Perdemos muitas coisas das quais seríamos participantes nos dias de hoje enquanto humanidade ou *Walimanai*. Como castigo pela desobediência, hoje temos que trabalhar duro, pesado, gastando nosso suor todos os dias a fim de obtermos nossa comida, o que é fundamental para o ser humano ter condições para se cuidar e promover o seu **bem viver**.

Mas o que é mesmo **bem viver** e **viver bem**? De onde vêm? Por que são tão importantes na vida? Questões como estas nos angustiavam. É isso que nós, lideranças Baniwa, estamos buscando e procurando entender nos últimos anos. Definimos este como um assunto muito importante para nós e para nossos trabalhos nas comunidades e fora delas, pois parecia que nosso povo não tinha esta prática. Além disso, víamos estes conceitos somente nas notícias sobre outros povos indígenas, de países diferentes da América Latina, que já os incluíram na Constituição de seus países¹. Este foi o pontapé inicial para buscar responder a nossa principal pergunta: temos isso na nossa cultura e na nossa tradição?

Os povos de países vizinhos do Brasil trouxeram, por meio de muitas lutas, o conceito indígena do **bem viver** como novidade na

1 Os conceitos de **bem viver** e **viver bem** estão cada vez mais presentes nos debates realizados por povos indígenas na América Latina, alçando presença em algumas constituições federais. Exemplos da incorporação do conceito podem ser vistos nas recentes constituições do Equador (2008) e da Bolívia (2009). (Nota dos organizadores).

#### Bem viver e viver bem

segundo o povo Baniwa no noroeste amazônico brasileiro

forma de pensar, entender, agir e de dar valor à existência da vida nas leis máximas de seus países. Segundo eles, o bem viver e o viver bem são mais que capitalismo ou socialismo, ideia que tem atraído nossa atenção. Desde então temos procurado aprofundar o assunto entre nós, lideranças, conversando também com os mais velhos conhecedores da tradição e cultura do povo Baniwa. Nestas conversas descobrimos que o bem viver e o viver bem já existiam na cultura e tradição Baniwa, ainda existem e vão continuar existindo. O bem viver e o viver bem sempre foram importantes nas nossas vidas e por isso precisávamos compartilhar o seu entendimento para recuperar e valorizar esta prática milenar do povo Baniwa. Para isso, promovemos a "I Conferência Baniwa sobre Educação e Organização Social", que aconteceu na comunidade de Tunuí Cachoeira, em setembro de 2016. O objetivo era compartilhar e aprofundar o entendimento sobre a importância do bem viver e do viver bem nas comunidades que formam o povo Baniwa.

A fim de ampliar a conversa, compartilhar experiências e fazer reflexões a respeito, nós definimos como conferencistas: **lideranças** e suas visões políticas; **estudantes universitários** e suas visões acadêmicas; os **mais velhos que carregam a tradição e a cultura Baniwa** e suas avaliações sobre o conceito na vida prática desde nossos ancestrais até os dias de hoje. Assim, compartilhamos entre nós a linha do tempo antigo com o apoio de pesquisadores indígenas que leram as pesquisas e livros que contam a nossa história, que está registrada pelos não indígenas; a nossa linha do tempo sobre as décadas mais recentes, construída coletivamente na conferência; e, a linha do tempo contemporâneo, bem mais recente, que também chamamos de "tempo de associação", em referência às associações indígenas Baniwa, que nos fala do tempo depois da Constituição de 1988. Tudo isso serviu para refletir sobre o que é **bem viver** hoje.

Outros temas foram direcionados para o mesmo objetivo. Discutimos sobre o **patrimônio cultural Baniwa**, a sua importância, o que é e como o usamos diariamente em nossas vidas e comunidades. Fizemos relatos das experiências em **desenvolvimento local sustentável** e **empreendedorismo** como meio importante de garantir o protagonismo no uso de recursos naturais. Falamos sobre a expe-

riência de **gestão escolar**, a formação dos jovens através de escolas do ensino fundamental, ensino médio e formação de professores no ensino superior. Discutimos, ainda, a nossa atual forma de **organização social**, refletindo sobre como ela está, o porquê, o que temos feito, quais são as nossas conquistas e o que podemos construir para o futuro. Apresentamos, ainda, a proposta para o novo desenho da organização representativa do povo Baniwa e Koripako, aprovada na assembleia geral da Coordenadoria de Associações Baniwa e Koripako, em maio de 2016, na comunidade de Assunção do Içana.

Afinal de contas, qual o sentido das nossas lutas? Qual o sentido da organização social, desde a tradicional até a forma do associativismo? A organização social milenar nunca foi escrita e divulgada, nem mesmo entre nós; sua divulgação sempre foi oral. O associativismo é, dentre outras coisas, "jogar o jogo" do governo, defender direitos e interesses segundo as leis do país. Por que as associações são importantes para nós?

O conjunto das comunidades de uma mesma etnia forma um povo. Mas qual é o sentido de as comunidades estarem organizadas e terem em sua composição líderes como capitães², anciões da igreja³, professores da própria comunidade e agentes comunitários de saúde? É uma organização bem diferente de quando se vivia em malocas, mas ela não tem outro objetivo que não seja o **bem viver**.

Este livro não busca contar a tradição e a cultura de um povo, pois isso já vem sendo feito oralmente em nossas comunidades e em outros trabalhos escritos. As histórias de origens e da criação das coisas do mundo Baniwa são muitas e muito importantes para a vida,

- 2 Capitães no Alto Rio Negro são cargos nas comunidades que substituem o cargo máximo na aldeia, que era do Cacique, Tuxauá, em *nheengatu*, *Wapidzawali* ou *Eenawi*, em língua Baniwa. O nome e o cargo de "capitão" fez parte da estratégia dos colonizadores para dominarem os povos indígenas, que persiste até hoje. Eles nomeavam alguns indígenas como os seus representantes dentro de cada aldeia, fazendo deles os seus informantes e impondo ordens.
- 3 Anciões da igreja são líderes religiosos que gerem o sistema religioso nas comunidades evangélicas Baniwa. O nome vem através da missionária evangélica norte-americana Sofia Muller. No Içana, o nome de suas igrejas é "Igreja Bíblica Unida". O povo Baniwa é formado mais ou menos por: 80% evangélicos e 20% católicos. Já vivem esta realidade há mais de 78 anos, quase um centenário.

#### Bem viver e viver bem

segundo o povo Baniwa no noroeste amazônico brasileiro

sem dúvida, mas este trabalho tem como objetivo se concentrar na discussão e na busca da união de um povo dentro de um contexto de complexidade que está posto e é vivido, desafio que nunca foi encarado desta forma. Considerando o objetivo do **bem viver** e do **viver bem** desde sempre até agora, por que parece que estamos sempre divididos e uns contra os outros? O que é que pode nos reunir para unificar, reunificar e nos manter permanentemente unidos? Quais são nossos pontos fortes e quais são nossas fraquezas diante de um mundo tão complexo?

#### O SURGIMENTO E A ORGANIZAÇÃO DESTE LIVRO

Este livro surgiu de uma preocupação e de um esforço das lideranças indígenas Baniwa em relação à necessidade de unificar as suas comunidades, de ter unidade como povo Baniwa em busca da concretização dos seus direitos, mas, principalmente, surgiu da preocupação com o **bem viver** e o **viver bem** das comunidades.

Uma das ações concretas relacionadas ao **bem viver** e ao **viver bem** foi a realização da conferência já mencionada, que foi organizada para discutir nossas experiências de projetos, educação e organização. Naquela reunião, em setembro de 2016, **bem viver** e **viver bem** eram temas transversais, unificadores do processo, mas que dão sentido para as inciativas das comunidades, associações, igrejas e escolas Baniwa.

Na conferência estiveram presentes 135 pessoas, sendo que os Baniwa e Koripako são, somente no Brasil, mais de 7 mil pessoas, distribuídas em mais de 90 comunidades e sítios. Assim, este livro foi pensado e elaborado para ampliar e promover mais discussão, além de divulgar e disseminar o conceito do **bem viver** e do **viver bem** nas comunidades, escolas, associações e igrejas. A sua elaboração contou com o apoio, no que toca à organização e à revisão de texto, dos pesquisadores e parceiros do **bem viver** e do **viver bem** João Vianna e Aline Iubel, ambos antropólogos que realizam pesquisas com os Baniwa na bacia do rio Içana e na região do Alto Rio Negro.

Consideramos que não seria útil guardar o aprendizado sobre o **bem viver** e o **viver bem** apenas em relatórios, como atualmente